



VI CONBALF

ALFABETIZAÇÃO
E DEMOCRACIA:
DIREITO À LEITURA
E À ESCRITA

CONGRESSO
BRASILEIRO DE
ALFABETIZAÇÃO

ISSN 2763-8588

AS PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE IMPERATRIZ/MARANHÃO: Problematizações do contexto escolar.

*Francinilda de Sousa Nascimento*¹

Eixo temático: 8 – Alfabetização e modos de aprender e de ensinar

Resumo: Este trabalho é um recorte da pesquisa intitulada *As práticas de alfabetização na rede municipal de ensino de Imperatriz/Maranhão: problematizações do contexto escolar*. Procura problematizar: “Por onde andam” as práticas alfabetizadoras no ciclo da alfabetização da rede municipal de ensino de Imperatriz/MA e como as professoras alfabetizadoras têm trabalhado com os pressupostos teóricos da (BNCC). Diante desse problema de pesquisa, o estudo teve como objetivo geral: conhecer como as professoras alfabetizadoras narram as suas práticas pedagógicas sobre a leitura e a escrita no ciclo da alfabetização, a partir da implementação da BNCC. Para a operacionalização da pesquisa, foram utilizadas duas ferramentas metodológicas: entrevistas narrativas com 7 professoras alfabetizadoras das turmas de 1º e 2º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal de ensino de Imperatriz/MA e a análise de “documentos pedagógicos”: cadernos, folhas de atividades e recursos didáticos, circulantes no contexto da sala de aula. Na análise do material, apresenta-se dois eixos analíticos: 1) Narrativas e práticas que colocam em “pauta” a apropriação do sistema de escrita alfabética nos processos de ensino e aprendizagem de leitura e escrita, e 2) Narrativas e práticas que colocam em “pauta” os letramentos nos processos de ensino e aprendizagem de leitura e escrita. Os resultados mostram que, na passagem para o contexto da prática, os textos e as ações da política são recontextualizados, a narrativa das professoras alfabetizadoras um enredo em forma de mosaico, em que as professoras vão de algum modo sendo subjetivadas e subjetivando suas práticas.

Palavras-chave: Estudos Culturais, Ciclo da Alfabetização, BNCC, Práticas de Alfabetização, Narrativas docentes.

¹ Mestra em Educação pela ULBRA/Canoas. Professora na Rede Municipal de Ensino de Imperatriz-MA. Contato: francinildasousanascimento@gmail.com.

1 Para chegar até aqui: uma breve introdução

Este artigo é fruto das minhas inquietações sobre as práticas de alfabetização na rede municipal de ensino de Imperatriz/Maranhão. Trata-se do estudo realizado no ciclo da alfabetização de uma escola pública municipal de Imperatriz, Maranhão, em curso de mestrado em educação, uma pesquisa vinculada ao CNPq.

Considerando meu percurso, enquanto pesquisadora e docente, partindo do contexto da rede municipal de ensino de Imperatriz/MA, procurei neste estudo problematizar: “Por onde andam” as práticas alfabetizadoras no ciclo da alfabetização da rede municipal de ensino de Imperatriz/MA e como as professoras alfabetizadoras têm trabalhado com os pressupostos teóricos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), referentes ao ensino da leitura e da escrita?

Destaco que objetivei conhecer como as professoras alfabetizadoras narram as suas práticas pedagógicas sobre a leitura e a escrita no ciclo da alfabetização, a partir da implementação da BNCC, constituindo de certo modo representações docentes sobre os processos de leitura e escrita.

O interessante, ao lançar o olhar para essas práticas, foi visibilizar algumas representações que as constituem e problematizar como estas estão sendo operacionalizadas com a implementação da BNCC (BRASIL, 2017) – área das linguagens, componente curricular de Língua Portuguesa. A BNCC (BRASIL, 2017) é um importante documento

[...] de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Aplica-se à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), e indica conhecimentos e competências que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade (BRASIL, 2017, p. 7).

A partir da análise da BNCC, vamos percebendo que há uma preocupação para que as práticas letradas, trabalhadas desde a Educação Infantil, sejam “progressivamente intensificadas e complexificadas, na direção de gêneros secundários com textos mais complexos” (BRASIL, 2017, p. 85), nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. No entanto, também vamos percebendo com essa análise que a alfabetização, nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, é o foco da ação pedagógica, sendo reduzida à técnica da escrita com finalidades ligadas à aplicação em pequenas situações práticas.

É importante abordar que o tempo para o processo de alfabetização modifica-se na versão final da BNCC. Nessa versão, o aluno deverá estar completamente alfabetizado até o final do 2º ano do Ensino Fundamental. Anteriormente, esse processo de alfabetização se

estendia até o 3º ano, conforme o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) (BRASIL, 2012).

3 Contexto da pesquisa e escolhas metodológicas

Para a operacionalização procedimental da pesquisa no contexto escolar, foram utilizadas duas ferramentas metodológicas: entrevistas narrativas com 7 professoras alfabetizadoras das turmas de 1º e 2º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal de ensino de Imperatriz/MA; e “documentos pedagógicos”: cadernos, folhas de atividades e recursos didáticos, circulantes no contexto da sala de aula, utilizados para os processos de leitura e de escrita, capturados a partir de imagem fotográfica.

A escolha pela entrevista narrativa deu-se pelo fato dessa possibilitar: uma “conversa” com as professoras alfabetizadoras, permitindo-lhes expor suas perspectivas discurso-acadêmicas de alfabetização de modo mais “leve” e “amigável”; e o estabelecimento de uma relação de confiança com as professoras. Para Jovchelovitch e Bauer (2002), as entrevistas narrativas são como um acontecimento com enredo, pois a este se articula uma rede de significação datada. A pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética, via Plataforma Brasil, tendo recebido a aprovação pelo Parecer nº 5.327.084.

Além das entrevistas narrativas realizadas com as professoras do ciclo de alfabetização, durante a pesquisa foram registradas imagens fotográficas de “documentos pedagógicos”, com vistas a visibilizar algumas representações das práticas alfabetizadoras das professoras. Para Vidal (2009), a cultura escolar tem se constituído em uma importante ferramenta teórica para o estudo das relações entre escola e cultura, dando atenção à cultura material como elemento constitutivo das práticas escolares.

É relevante abordar que este processo de investigação dos “documentos pedagógicos”, durante a pesquisa, auxiliou para conhecermos o trabalho das professoras, visto que os recursos utilizados por elas refletem o seu fazer docente e até mesmo suas perspectivas discursivo-acadêmicas sobre as práticas de leitura e escrita.

Com a intenção de lançar um olhar investigativo sobre o processo de ensino da leitura e da produção textual no ciclo de alfabetização, em um primeiro momento, foi realizada uma pré-análise do material, utilizando-se dos dois movimentos analíticos de pesquisa realizados: um, a *apropriação do sistema de escrita alfabética*, considerando quatro aspectos de força enunciativa: o trabalho com a consciência fonológica (famílias silábicas e consciência fonêmica) - as práticas que iniciam de unidades menores para unidades maiores da língua; o trabalho com as famílias silábicas, para a criança conhecer o som das letras e como juntá-las; e o trabalho de formação de palavras, a partir da nomeação de figuras. E outro, pela

perspectiva de alfabetizar letramento, não centrando apenas o processo de leitura e escrita na codificação e decodificação, mas incluindo os alfabetizandos em práticas pedagógicas que enfatizavam a interação destes com as funções sociais do ler e do escrever na sociedade letrada, considerando as seguintes forças enunciativas: o uso do texto com funções sociais, destacando-se o trabalho com bilhetes, rótulos e panfletos comerciais; a criação de minimercados no contexto da sala de aula; e a leitura de histórias na biblioteca, a partir de rodas de leitura.

Este movimento de pré-análise impulsionou a organização de dois eixos analíticos: 1) *Narrativas e práticas que colocam em “pauta” a apropriação do sistema de escrita alfabética nos processos de ensino e aprendizagem de leitura e escrita*, abordando a visibilidade da alfabetização; e 2) *Narrativas e práticas que colocam em “pauta” os letramentos nos processos de ensino e aprendizagem da leitura e escrita*, enfatizando a visibilidade do letramento. Para este trabalho destacarei o eixo analítico 1 - *Narrativas e práticas que colocam em “pauta” a apropriação do sistema de escrita alfabética nos processos de ensino e aprendizagem de leitura e escrita*, abordando a visibilidade da alfabetização, situando o bloco analítico 1 - Bloco 1 – *Apropriação do sistema de escrita alfabética/consciência fonológica (famílias silábica)*.

3 Narrativas e práticas que colocam em “pauta” a apropriação do sistema de escrita alfabética nos processos de ensino e aprendizagem de leitura e escrita

Nessa seção, composta eixo analítico – *Narrativas e práticas que colocam em “pauta” a apropriação do sistema de escrita alfabética nos processos de ensino e aprendizagem de leitura e escrita* – apresento o Bloco 1 - *Apropriação do sistema de escrita alfabética/consciência fonológica (famílias silábicas)*.

De acordo Soares (2020) essa perspectiva conceitual, destaca-se como a “capacidade de refletir sobre os segmentos sonoros da fala” (SOARES, 2020, p. 77). Para a autora, podemos “denominar de consciência fonológica a capacidade de focalizar a cadeia sonora que constitui a palavra e de refletir sobre seus segmentos sonoros, que se distinguem por sua dimensão: a palavra, as sílabas, as rimas, os fonemas” (SOARES, 2020, p. 77).

Para que a criança possa chegar ao domínio do princípio alfabético, de acordo com Soares (2020) será preciso que ela passe por níveis da consciência fonológica: primeiro, a *consciência lexical* – a palavra como uma cadeia de sons em que os segmentos de palavras podem ser iguais (aliteração e rimas); segundo, a *consciência silábica* – a palavra segmentada em sílabas; e terceiro, a *consciência fonêmica* – a menor unidade linguística, os fonemas. (SOARES, 2020).

Na análise das entrevistas narrativas e dos documentos pedagógicos foi observado que há uma certa ausência de reflexões linguísticas e o trabalho tem se centrado na *apropriação do sistema de escrita alfabética/consciência fonológica* – com ênfase na família silábica. Conforme pode ser visto na figura 1 - Silabário Simples – Sílabas Canônicas de P2 (2º/2021²) e no comentário da P2 (2º/2021) sobre o trabalho realizado.

Figura 1: Silabário Simples – Sílabas Canônicas de P2 (2º/2021)



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2022.

Comentário da P2 (2º/2021) sobre o Silabário Simples – Sílabas Canônicas (Figura 1):

P2 (2º/2021): A atividade que trabalhei com o *Silabário Simples* teve a intencionalidade de trabalhar a consciência silábica utilizando a ficha silábica. Com o uso desse material facilita o aprendizado da criança, além de trabalhar com as sílabas, também contempla o alfabeto ilustrado para ajudar aquela criança que às vezes esquece as letras. Essa ficha ajuda nesses dois aspectos: o conhecimento do alfabeto e o som das famílias silábicas.

Na Narrativa 01 de P2 (2º/2021) e no documento pedagógico – Silabário Simples – Sílabas Canônicas (FIGURA 1), percebe-se que os aspectos metodológicos para a alfabetização ainda estão muito atrelados ao método silábico, girando em torno da codificação

² Para mante-se o sigilo da escola e das professoras, organizamos “um código”: “P” indicando a entrevistada como “professora”; e os números de 1 a 7 para diferenciar as entrevistadas. E entre parênteses será escrito o ano ciclo da alfabetização e o ano letivo que a entrevistada lecionou, tendo como exemplo: AP1 (1º/2022).

e decodificação do sistema de escrita alfabética. Observa-se também que a preocupação da professora se centra nas famílias silábicas. Deste modo, no trabalho com o Silabário Simples – Sílabas Canônicas (FIGURA 1), parece haver uma restrição no processo de apropriação do sistema de escrita alfabética, distante de uma proposta de reflexão sobre as propriedades e dos princípios desse sistema de escrita. O trabalho parece focar-se apenas no estudo de famílias silábicas.

Podemos observar o destaque dado ao processo de alfabetização, considerando o trabalho com ênfase na família silábica. P2 (2º/2021), na entrevista narrativa, aponta que é importante trabalhar com a família silábica porque acredita que: “[...] a criança precisa conhecer o som das letras e da junção delas, trabalho também com atividades impressas e a criança pode estar formando palavras, escrevendo nome de objetos [...] e quando ela conhece as letras, ela já tem a mentalidade de juntar sozinho, porque ela já conhece a letra, ela sabe que o B com A é BA, o C com A é CA, ela já tem essa noção quando conhece as letras” (Narrativa 01 da P2, 2º/2021).

Na Narrativa 01 de P2 (2º/2021) e no documento pedagógico – Silabário Simples – Sílabas Canônicas (FIGURA 1), vamos percebendo que os aspectos metodológicos para a alfabetização ainda estão muito atrelados ao método silábico, girando em torno da codificação e decodificação do sistema de escrita alfabética. Observa-se que a preocupação da professora parece ser as famílias silábicas. Deste modo, no trabalho com o Silabário Simples – Sílabas Canônicas (FIGURA 1), parece haver uma restrição no processo de apropriação do sistema de escrita alfabética, distante de uma proposta de reflexão sobre as propriedades e dos princípios desse sistema de escrita. O trabalho parece centrar-se apenas no estudo de famílias silábicas. E esse é justamente um dos problemas enfrentados na apropriação da língua escrita: um trabalho que prioriza o processo de codificação/decodificação de símbolos e caracteres; e desconsidera a abordagem textual-discursiva e dos usos sociais da linguagem. (SOUZA; LEITE; ALBUQUERQUE, 2006).

Outro “documento pedagógico” a ser evidenciado é a atividade de formação de palavras – registro escrito da sílaba inicial faltante (FIGURA 2), da P3 (1º/2022). Ela enfatiza os aspectos da família silábica a partir de sílabas faltantes no registro escrito que nomeiam as figuras. Vale destacar que as intencionalidades descritas pela professora, ao propor essa atividade, eram evidenciar se o aluno, ao exercitar a escrita, conseguia identificar as sílabas faltantes. Percebemos assim, considerando o comentário da P3 (1º/2022), sobre a proposta, que há uma preocupação mais avaliativa do que de reflexão linguística, uma vez que segundo a professora: “a intenção é fazer a criança exercitar melhor a escrita e, dessa forma, eu percebo que já sabe formar as palavrinhas, por conhecer as sílabas” (Comentário da P3,

1º/2022). Nesse sentido, destacamos o quanto esse tipo de atividade é ainda muito fragmentado e limitado, inclusive para verificar o nível de aprendizagem da criança.

Figura 2: Formação de palavras – registro escrito da sílaba inicial faltante de P3 (1º/2022)



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2022.

Nesse registro analítico, fica explícito o quanto o trabalho com a consciência silábica – família silábica está presente na narrativa da professora e também nas atividades realizadas, remetendo a um processo de alfabetização direcionado aos métodos tradicionais de alfabetização. Observamos, novamente um foco bastante restrito, que considera o trabalho de codificação e decodificação e parece desconsiderar a curiosidade metalinguística dos alunos. Neste sentido, o processo de alfabetização parece estar cerceado por práticas pedagógicas em que o processo de ensino e aprendizagem é balizado pela avaliação da escrita e não da reflexão linguística, em que analisar a diferença entre “pensar sobre sons” e “pensar sobre letras” é bastante complexo, parecendo importante ser resgatado (MORAIS, 2019).

Nessas duas atividades analisadas o que se pretendeu enfatizar é o quanto essa “tradição pedagógica alfabetizadora” – *Apropriação do sistema de escrita alfabética/consciência fonológica (famílias silábicas)* - tem sido ainda, apesar dos estudos sobre os letramentos no contexto escolar (SOARES, 2001), uma representação docente muito

forte e, na sala de aula, ganhando mais força discursiva em documentos oficiais como a Política Nacional de Alfabetização/PNA (BRASIL, 2019), por exemplo.

4 Considerações Finais

Neste estudo, as narrativas das alfabetizadoras e os documentos pedagógicos evidenciam práticas de alfabetização na perspectiva de um trabalho com as famílias silábicas, parecendo ser atividades esporádicas e pouco encadeadas a um contexto mais amplo.

Com o destaque a esse eixo analítico - Apropriação do sistema de escrita alfabética/consciência fonológica (família silábica) – objetivou-se evidenciar o quanto nas narrativas das professoras alfabetizadoras e nos documentos pedagógicos – materiais usados na prática docente o trabalho sistematizado com a apropriação do sistema de escrita alfabética/consciência fonológica (família silábica) tem um lugar de relevância.

Portanto, ao lançar o olhar para esse contexto de uma escola da rede municipal de ensino de Imperatriz/MA, o presente estudo dá visibilidade ao modo como as professoras alfabetizadoras narram as atividades que desenvolvem sobre a leitura e escrita no ciclo da alfabetização, constituindo de certo modo representações docentes sobre estes processos de ler e escrever, considerando todo o ciclo de “política curricular”, destacando que de certa forma as políticas “curriculares” destinadas ao ciclo da alfabetização têm reverberado nas narrativas das professoras, refletindo de certo modo em seus fazeres pedagógicos.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de apoio à gestão educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: a aprendizagem do sistema de escrita alfabética**: ano 1: unidade 3. Brasília: MEC/SEB, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **PNA: Política Nacional de Alfabetização 2019**. Brasília: MEC; SEALF, 2019.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.

MORAIS, Artur Gomes de. **Consciência fonológica na educação infantil e no ciclo de alfabetização**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SOARES, Magda. A escolarização da leitura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, A. A. M. BRANDÃO, H. M. B. MACHADO, M. Z. V. (org) **A escolarização da leitura literária: O jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2. Ed. 2001. Pt. 1: cap. 1 17-48.

SOARES, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

SOUZA, Ivane Pedrosa de; LEITE, Tânia Maria Rios; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. Leitura, letramento e alfabetização na escola. In: FIGUEIREDO, Maria Lúcia Ferreira de; SOUZA, Ivane Pedrosa de. *Práticas de leitura no Ensino Fundamental*. Belo Horizonte : Autêntica, 2006. p.23-38.

VIDAL, Diana Gonçalves. No interior da sala de aula: ensaio sobre cultura e prática 9/10 escolares. **Currículo sem Fronteiras**, v. 9, n. 1, p.25-41, jan./jun. 2009.